Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

ENTRE ARTES VISUAIS E TEATRO: FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR DE PROFESSORES/AS

BETWEEN VISUAL ARTS AND THEATER: INTERDISCIPLINARY TEACHER TRAINING

ENTRE LAS ARTES VISUALES Y EL TEATRO: FORMACIÓN DOCENTE INTERDISCIPLINAR

Niara Mackert Pascoal
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife/PE, Brasil

Julia de Moura Regis
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife/PE, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta e discute experiências formativas interdisciplinares entre artes visuais e teatro voltadas à formação inicial e continuada de professores/as de Arte. As ações foram realizadas com professores/as da rede pública e licenciandos da Universidade Federal de Pernambuco, tendo como base metodológica o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e obras visuais de Abelardo da Hora e Rosalvo Filho. Na formação continuada, realizada na exposição *Mutirão*, refletiu-se sobre a vulnerabilidade social retratada na série *Meninos do Recife*, relacionando-a à prática docente por meio do Teatro Imagem. Já na formação inicial, utilizou-se o curta-metragem *Alike* e o ensaio visual *Educação, opressão e resistência*, promovendo reflexões sobre experiências educacionais e o papel do professor. Ambas as vivências buscaram integrar práticas pedagógicas críticas, sensíveis e replicáveis em sala de aula, incentivando o corpo, a escuta e a ação como elementos centrais da educação libertadora. Os jogos teatrais "Zip, Zap e Boing" e dinâmicas de criação coletiva foram utilizados para fomentar a escuta ativa e a construção de imagens cênicas estáticas que problematizassem situações de opressão. Os resultados evidenciam o potencial da abordagem interdisciplinar para desenvolver práticas educativas comprometidas com a transformação social e apontam a necessidade de políticas formativas que contemplem a complexidade do ensino de arte nas escolas.

Palavras-chave: formação docente; artes visuais; teatro; interdisciplinaridade; educação crítica.

PASCOAL, Niara Mackert; REGIS, Julia de Moura. ENTRE ARTES VISUAIS E TEATRO: FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR DE PROFESSORES/AS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Abstract

This article presents and discusses interdisciplinary training experiences involving visual arts and theater aimed at the initial and continuing education of art teachers. The initiatives were conducted with public school teachers and undergraduate students at the Federal University of Pernambuco, using Augusto Boal's Theater of the Oppressed as a methodological basis, along with visual works by Abelardo da Hora and Rosalvo Filho. The continuing education, held at the *Mutirão* exhibition, reflected on the social vulnerability portrayed in the series Meninos do Recife, relating it to teaching practice through Teatro Imagem. The initial training used the short film *Alike* and the visual essay *Education, Oppression, and Resistance*, fostering reflections on educational experiences and the role of the teacher. Both experiences sought to integrate critical, sensitive, and replicable pedagogical practices in the classroom, encouraging the body, listening, and action as central elements of liberating education. The theater games "Zip, Zap, and Boing" and collective creative dynamics were used to foster active listening and the construction of static stage images that problematized situations of oppression. The results demonstrate the potential of an interdisciplinary approach to develop educational practices committed to social transformation and highlight the need for training policies that address the complexity of art education in schools.

Keywords: teacher training; visual arts; theater; interdisciplinarity; critical education.

Resumen

Este artículo presenta y analiza experiencias de formación interdisciplinaria en artes visuales y teatro, dirigidas a la formación inicial y continua de docentes de arte. Las iniciativas se llevaron a cabo con docentes de escuelas públicas y estudiantes de grado de la Universidad Federal de Pernambuco, utilizando como base metodológica el Teatro del Oprimido de Augusto Boal, junto con obras visuales de Abelardo da Hora y Rosalvo Filho. La formación continua, realizada en la exposición Mutirão, reflexionó sobre la vulnerabilidad social retratada en la serie Meninos do Recife, relacionándola con la práctica docente a través del Teatro Imagem. La formación inicial utilizó el cortometraje Alike y el ensayo visual Educación, Opresión y Resistencia, fomentando reflexiones sobre las experiencias educativas y el rol del docente. Ambas experiencias buscaron integrar prácticas pedagógicas críticas, sensibles y replicables en el aula, fomentando el cuerpo, la escucha y la acción como elementos centrales de la educación liberadora. Los juegos teatrales "Zip, Zap y Boing" y las dinámicas creativas colectivas se utilizaron para fomentar la escucha activa y la construcción de imágenes escénicas estáticas que problematizaban situaciones de opresión. Los resultados demuestran el potencial de un enfoque interdisciplinario para desarrollar prácticas educativas comprometidas con la transformación social y resaltan la necesidad de políticas formativas que aborden la complejidad de la educación artística en las escuelas.

PASCOAL, Niara Mackert; REGIS, Julia de Moura. ENTRE ARTES VISUAIS E TEATRO: FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR DE PROFESSORES/AS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Palabras clave: formación docente; artes visuales; teatro; interdisciplinariedad; educación crítica.

Introdução

O processo formativo de professores/as perpassa por diversas situações e âmbitos da educação. As licenciaturas possuem uma série de disciplinas comuns, que constituem a base educacional para os cursos, que é somada aos conteúdos específicos de cada área. Na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por exemplo, o Centro de Educação (CE) reúne todas as licenciaturas oferecidas pela instituição em disciplinas como *Fundamentos da Educação*, *Didática*, *Políticas Educacionais*, entre outras. O processo de formação, seja em formação inicial, seja em formação continuada, é fundamental para a qualidade da educação do nosso país e acontece não só no tempo dedicado à formação universitária, mas também no cotidiano desse/a professor/a e na própria interação entre outros/as professores/as.

Assim como a formação primária, que ocorre na universidade, as formações continuadas de professores/as também são fundamentais para garantir a qualidade do ensino oferecido, uma vez que contribuem para a atualização, colaboração e enriquecimento profissional dos/as professores/as. Esse tipo de formação, posterior à formação primária (ou inicial) nos evoca, segundo Galindo e Inforsato (2016, p. 464), a ideia de continuidade, algo que complementa e aprofunda a etapa das bases formativas, já realizada pelos/as professores/as.

Entendendo essa relevância, esse texto propõe apresentar e discutir o processo formativo de professores/as a partir da interdisciplinaridade das artes, em especial na relação entre as artes visuais e o teatro, em duas vivências ministradas por nós para professores/as em exercício e em formação. Essas vivências ocorreram em dois contextos diferentes, o da formação inicial e o da formação continuada, tendo como objetivos a aplicação de um projeto que completasse a tríade da formação docente, já que segundo Nóvoa, é necessário “compreender a importância de uma interação entre estes três espaços – profissionais, universitários e escolares – pois é na interação entre três vértices, neste triângulo, que se

Volume 2026
ISSN 2319-0868

encontram as potencialidades transformadoras da formação docente" (NÓVOA, 2019, p. 7).

A oficina de formação continuada para professores/as foi realizada com professores/as que ministram a disciplina de artes na escola pública, lotados na Gerência Regional de Educação (GRE) Recife Norte, em Recife, Pernambuco. Foi pensada a partir do contexto expositivo e da mediação cultural, tendo como base a exposição *Mutirão*, que celebra o Movimento de Cultura Popular (MCP), ocorrido em Recife na década de 1960, e que estava em exibição, à época, na Fundação Joaquim Nabuco.

Já o processo formativo pensado para os/as professores/as em construção, no âmbito da formação inicial, foi realizado com estudantes da disciplina de Didática, ministrada pela Professora Doutora Káthia Barbosa, no Centro de Educação da UFPE. Para esse contexto, utilizamos uma abordagem diferente da anterior, explorando as artes visuais a partir da animação, com o curta-metragem Alike; e do desenho, com o ensaio visual de Rosalvo Filho.

Com o objetivo de integrar uma formação-ação que tivesse um caráter prático e de possível adaptação em sala de aula, estabelecemos uma ligação entre as artes visuais, representadas pelos artistas Abelardo da Hora e Rosalvo Filho e o teatro, a partir do Teatro de Imagem de Augusto Boal. Nosso objetivo, enquanto professoras, era o de promover o engajamento do corpo e o pensamento crítico-reflexivo, a partir de situações que incentivassem os/as participantes a tomar decisões para mudar determinado contexto.

No tópico a seguir, falaremos brevemente sobre o que entendemos por interdisciplinaridade. No segundo tópico, *o pensamento que antecede a ação*, trazemos todas as referências que utilizamos para pensar as duas formações que foram ofertadas. Em seguida, no tópico *formação-ação*, explicitamos os detalhes das formações, as aproximações e distanciamentos entre elas em decorrência da mudança de contexto e, por fim, trazemos as nossas percepções como *considerações finais*.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Junções e pensamento interdisciplinar: pequenas definições

Esse texto apresenta uma ação pensada para inserir-se nos moldes da interdisciplinaridade. Mas o que entendemos como interdisciplinar? Segundo Japiassu (1976, p. 72), antes de falarmos em interdisciplinaridade precisamos falar em disciplinaridade. O autor define esta como "a exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo de estudo, isto é, o conjunto sistemático e organizado de conhecimentos que apresentam características próprias nos planos do ensino, da formação, dos métodos e das matérias" (JAPIASSU, 1976, p. 72). Assim sendo, disciplinaridade pode ser entendida como um agrupamento de conhecimentos que são estudados e estão presentes em nossa organização escolar, nas universidades e faculdades, orientando o estudo e o professorado.

Nesse aspecto, as autoras estão em dois eixos diferentes de disciplinaridade, as artes visuais e o teatro, que ainda, são linguagens diferentes de uma mesma área de conhecimento: a Arte. Pensando em formas de integrar as especialidades de cada uma em um projeto educacional, utilizamos a interdisciplinaridade que, ainda segundo Japiassu (1976, p 76), "se caracteriza pela *intensidade das trocas* entre os especialistas e pelo *grau de integração real* das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa". Além de atuarem em conjunto, as disciplinas devem estabelecer trocas entre si e serem realmente integradas, para que façam jus ao termo interdisciplinaridade.

O texto a seguir, parte da busca de fazer um projeto educacional que tenha a interdisciplinaridade como característica, explorando teatro e artes visuais para o pensamento educacional em dois contextos diferentes, sobre os quais falaremos agora.

O pensamento que antecede a ação

O primeiro contexto em que esse projeto foi trabalhado foi a formação para professores/as que ocorreu em junho de 2024, na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, Pernambuco. Participaram professores/as que ministram o componente de artes na escola pública estadual, sendo profissionais com formações diversas e que, algumas vezes, não estavam na área de arte. Foram três horas de formação,

Volume 2026
ISSN 2319-0868

divididas em: uma hora de mediação cultural na exposição *Mutirão*, com a Equipe Educativa da Unidade de Artes Visuais da Fundaj; uma hora e meia de oficina-ação, ministrada pelas autoras e, por fim, trinta minutos de discussões com Rafaella Mélo Cavalcante e Virgínia Cleide Nunes Marques, professoras formadoras da Secretaria da Educação e Esportes de Pernambuco.

A vivência teve como objetivo o pensamento integrado e interdisciplinar entre artes visuais e Teatro, sendo uma proposta de abordagem para que os professores/as construíssem, a partir disso, sua própria atuação com os/as estudantes, após a visita mediada à exposição *Mutirão.*

Assim, partimos de Abelardo da Hora e da série *Meninos do Recife* para pensar a vulnerabilidade a que as crianças estão submetidas e como, a partir do corpo, poderíamos pensar soluções para esses problemas cotidianos que os estudantes da rede pública muitas vezes vivenciam. A formação proposta teve como base a exposição *Mutirão*, em exibição na Galeria Vicente do Rego Monteiro, no campus Derby da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, Pernambuco. A exposição, de curadoria de Moacir do Anjos, reuniu mais de 200 fotografias, documentos, folders e cartazes de diversas coleções, sobre o Movimento de Cultura Popular (MCP), além de obras de artistas como Corbiniano Lins, Abelardo da Hora e Guita Charifker.

O MCP, uma sociedade civil autônoma com propósitos culturais e pedagógicos, reuniu pensadores/as, artistas e educadores/as com o objetivo de promover a alfabetização da população, já que à época chegava a um milhão o número de analfabetos em Pernambuco. O Movimento teve grande participação popular, se caracterizando como um verdadeiro mutirão. Contribuiu significativamente para a educação a partir de 1960, com diversas ações tanto pedagógicas, quanto culturais, que objetivavam, além da alfabetização, a democratização do acesso à arte e a formação de consciência política, quando foi encerrado compulsoriamente pelos militares na ocasião do Golpe Civil-Militar, em 1964.

Dentre os sócio-fundadores do Movimento, destacamos, nesse texto, o artista multisuporte Abelardo da Hora. Nascido em 1924, produzia a partir de gravura, escultura, desenho e pintura e também esteve ligado à extinta Sociedade de Arte Moderna do Recife (SAMR), que gerou o também extinto Atelier Coletivo, grupo de

Volume 2026
ISSN 2319-0868

artistas locais que tinha envolvimento em movimentos de cunho social e político da época. Segundo Oliveira Filho,

> O artista utilizava-se do expressionismo para denunciar uma realidade local. Podemos fazer uma leitura da estética do grotesco nas obras engajadas de Abelardo como um elemento de denúncia estando sempre associado ao sofrimento do povo com relação à realidade social em que se encontram. (OLIVEIRA FILHO, 2022, p. 13).

Além de sócio-fundador, Abelardo teve participação no MCP na área de cultura, sendo responsável pelas Praças de Cultura, locais dedicados à oferta e impulsionamento de manifestações culturais à população. A série do artista utilizada como mote para a formação dos/as professores/as foi *Meninos do Recife*, de 1962, que reúne 22 imagens em bico de pena (exemplificadas nas figuras 1 a 4), que retratam a dura realidade das crianças à época, de grande vulnerabilidade. A série, produzida dentro do contexto do MCP, ocupou um lugar na exposição mencionada anteriormente e foi escolhida para ser relacionada às práticas propostas pelo diretor teatral Augusto Boal, na formação continuada para professores/as.

A ideia de relacionar artes visuais e teatro também se deu por conta de nossa própria formação, sendo um incentivo para pensarmos em ações conjuntas que explorassem as duas áreas do conhecimento. Sendo Abelardo da Hora o artista escolhido para representar as artes visuais nessa primeira oficina, Augusto Boal, teatrólogo, foi a referência escolhida para representar a área de teatro.

Figuras 1 e 2: obras da série Meninos do Recife, de Abelardo da Hora.





Fonte: digitalização do acervo do Memorial Abelardo da Hora

Figuras 2 e 3 - Meninos do Recife





Fonte: digitalização do acervo do Memorial Abelardo da Hora

A série traria o cunho social que queríamos propor na formação, como ponto de partida para que os/as professores/as refletissem sobre a realidade dos seus/suas estudantes. Nos 22 desenhos, vemos um Recife de pobreza e miséria,

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

que inseriu as crianças em um ambiente completamente vulnerável. Elas são retratadas com corpos magros, ossos aparentes e feições faciais de sofrimento. O ambiente varia, sendo os principais os locais de mangue, com casas palafitas e ambientes urbanos. Há até um desenho retratando uma criança dormindo na rua, como vemos na figura 2 e outro em que vemos os meninos mexendo no lixo (figura 1). Ainda que seja uma série forte visualmente, um dos desenhos traz o infantil e lúdico, com crianças brincando, escrevendo o título da coleção na parede: *meninos do Recife* (figura 2).

No contexto da vivência realizada para os/as professores/as em formação, utilizamos como elemento de discussão o ensaio visual intitulado *Educação, opressão e resistência: um ensaio visual,* de Rosalvo F. de O. Filho. As imagens do ensaio denunciam diversas ações relacionadas à educação e ao currículo, incitando a discussão pelos/as participantes. Algumas imagens, como as representadas nas figuras 4 e 5, trazem reflexões que permeiam o ponto de vista dos/as estudantes e foram essenciais para que nós alcançássemos nossos objetivos com os diálogos que pensamos em promover com os/as estudantes das licenciaturas.

Figura 4: uma das imagens do ensaio visual de Rosalvo Filho.



Fonte: Arquivo do artista, cedido às autoras

A vivência realizada com esse grupo ocorreu em dois dias distintos, dentro do contexto da disciplina de Didática, ministrada pela Prof.ª Dr.ª Káthia Barbosa. Foram duas turmas, nos dias 19 e 28 de novembro de 2024, com carga horária de 4 horas. Para essa vivência não tivemos a exposição como ativação dos movimentos de

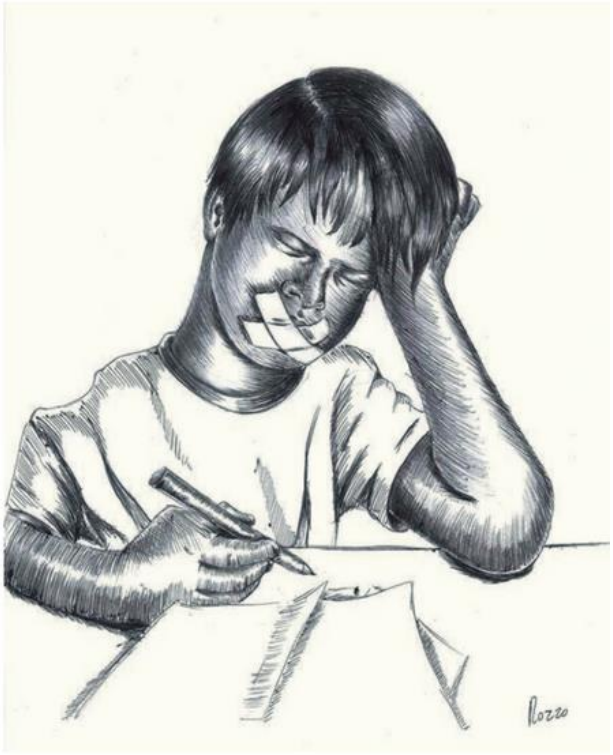
REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

reflexão, então optamos por trazer as artes visuais a partir do ensaio visual já citado e do curta-metragem *Alike*. O curta foi escolhido por trazer um paralelo interessante entre a educação e o trabalho, trazendo a arte como elemento de ruptura/resgate dentro da rotina que é demonstrada de forma massificada e alienada. Segundo Lessa (2017)

> Ganhador de mais de 50 prêmios – entre eles o de Melhor Curta-metragem de Animação no Festival Goya -, o curta espanhol foi desenvolvido no software livre Blender, operado pelo sistema Linux, como um projeto pessoal dos diretores em parceria com estudantes egressos da escola de animação de Barcelona, Pepe School Land. Tomando a premissa do filme como base para o trabalho, a criação de personagens e da narrativa foi toda realizada em diálogo pelo grupo, em um intenso e criativo processo de co-criação.

Figura 5: uma das imagens do ensaio visual de Rosalvo Filho.



Fonte: Arquivo do artista, cedido às autoras

Apesar de cada uma das vivências ter tido sua particularidade em relação à temática das artes visuais utilizada, o elemento comum nos dois momentos foi o teatro e a metodologia utilizada para a reflexão, do diretor Augusto Boal, a Metodologia do Teatro do Oprimido, utilizando a técnica do Teatro-Imagem. Boal foi

REVISTA DA FUNDARTE

diretor, dramaturgo e ensaísta teatral brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1931, conhecido principalmente por elaborar a metodologia do Teatro do Oprimido, inspirado na Pedagogia do Oprimido, desenvolvida pelo educador pernambucano Paulo Freire.

A metodologia de Boal foi elaborada no intuito de fomentar um tipo de fazer teatral que permitia a seus sujeitos refletirem principalmente acerca de problemas de cunho político e social, aplicando no teatro as ideias freirianas de discussão de relações entre opressores e oprimidos, a fim de desnaturalizar e refletir sobre possíveis alternativas para a resolução de tais conflitos.

No livro *200 Jogos para Atores e Não Atores*, Boal discute a importância de adaptar a prática teatral às necessidades do povo, promovendo iniciativas que se opõem ao imperialismo cultural – fenômeno em que a cultura de um país prevalece sobre outras, impondo-se em aspectos sociais, políticos e culturais, sobretudo em nações rotuladas como "subdesenvolvidas". Essa relação estabelece uma via de mão única, onde “de lá para cá tudo; de cá para lá, nada” (BOAL, 2012, p. 14).

No contexto educacional, essa dinâmica não é diferente, especialmente quando o/a professor/a se torna apenas um expositor de conteúdo e os/as estudantes receptores/as passivos do saber educacional, o que Paulo Freire define como educação bancária (FREIRE, 1970). Essas ações que precisamos, enquanto professores/as, remover da nossa prática educacional, se estivermos pensando em uma educação para a liberdade. Segundo Freire (FREIRE, 1970, p. 66), “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”, sendo o ideal que estabeleçamos um processo educacional em que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, se tornam sujeitos do mesmo processo (FREIRE, 1970, p. 78).

Tendo isso em mente e dialogando continuamente com os ideais do MCP e com o processo de alfabetização de Freire, Boal associa o fazer teatral à retomada do protagonismo do espectador, que se torna agente ativo da ação dramática e, assim, ponto de partida para a realização desta ação, e não o contrário. Para Boal, também é essencial retomar o teatro ao povo. Ele relaciona essas ideias na apresentação do livro já citado:

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> Os três livros, em conjunto, visam ajudar a restituir ao povo aquilo que lhe foi roubado: no começo, sempre, em toda a parte, o teatro era uma festa popular, cantada e dançada a céu aberto. Na Grécia, no Yucatan ou nas selvas de Mato Grosso, sempre assim foi. Vieram depois as classes dominantes e erigiram muros de pedra (para que o teatro fosse feito apenas dentro dos teatros - um absurdo!) e muros estéticos que separassem os atores (ativos) dos espectadores (receptivos). Uns produzindo, outros consumindo. O que? A ideologia dominante (BOAL, 2012, p. 9).

Boal esteve em Pernambuco em 1961, junto ao Teatro Arena de São Paulo, grupo no qual foi diretor artístico entre os anos de 1956 a 1971, para a apresentação da peça *Revolução na América do Sul*, obra que esteve em cartaz no Teatro de Santa Isabel (Recife, PE) e também no Teatro do Arraial Velho (Recife, PE), sendo uma característica do grupo teatral apresentar suas peças em espaços diferentes, pois o teatro deveria encontrar o caminho das ruas, estádios, circos e quaisquer outros locais onde o público de reunisse (BOAL, 2012, p. 14). Refletindo sobre a questão social, a peça épica procura retratar a vida de José da Silva, um operário alienado que tenta achar soluções para saciar a sua fome e da sua família.

Também a convite do Movimento de Cultura Popular, o grupo realizou o *Seminário de Dramaturgia no Recife*. A ação fazia parte da iniciativa do *Teatro de Arena* que já vinha sendo construída para o fomento a novas dramaturgias nacionais. Neste seminário, surgiram produções como *Julgamento em Novo Sol*, de coautoria de Boal junto a Nelson Xavier e outros autores; e que foi encenada pelo *Teatro de Cultura Popular*, grupo teatral do MCP, que vinha promovendo diversas iniciativas na cidade desde a sua criação.

Com base na experiência do Augusto Boal no MCP e na criação do Teatro do Oprimido, buscamos aplicar dinâmicas que promovessem a integração do grupo e desenvolvessem maior atenção coletiva em forma de jogo, seguindo com o uso do Teatro Imagem.

Este último, é uma técnica que incentiva a discussão e problematização através de imagens corporais estáticas, que se tornam protagonistas do diálogo entre os/as participantes. Essa técnica foi desenvolvida por Boal em meados dos anos 1970, quando foi convidado a participar do programa de alfabetização do Peru, onde tinha como principal desafio, superar a barreira linguística de comunicação

Volume 2026
ISSN 2319-0868

entre a população, que era composta maioritariamente por indígenas de vários grupos étnicos.

Formação-ação

Como pensamos em uma formação que fosse além do lado expositivo, utilizamos dois jogos teatrais (ou dinâmicas) para começar a nossa tarde, em ambas as oficinas. A primeira dinâmica consistia em um momento para que os/as participantes pudessem conhecer os nomes uns dos outros. Organizamos a turma em um grande círculo e entregamos uma bola pequena. A pessoa com a bola deveria olhar para alguém da roda, perguntar o seu nome e memorizar esse nome. Após a pergunta a bola seria arremessada para a pessoa e o nome dela seria dito em voz alta pelo arremessador. Isso foi feito com todos do grupo até que todos tivessem seus nomes externados. Após a primeira rodada, a ação era repetida por mais três ou quatro vezes e uma segunda bola era inserida.

O segundo jogo utilizado foi o *Zip, Zap e Boing.* Essa dinâmica teatral foi pensada para ser utilizada em contextos pedagógicos e artísticos para aprimorar habilidades de concentração, escuta ativa e coordenação em grupo. Ela funciona como um exercício de integração e aquecimento mental e físico dos/as participantes. No jogo, ainda em formato de círculo, os/as participantes deveriam transmitir uns aos outros comandos básicos: "Zip", "Zap" e "Boing".

O comando "Zip" é passado de uma pessoa para a outra que esteja ao seu lado, geralmente da esquerda para a direita. "Zap" também é transmitido, mas em sentido oposto ao comando "Zip"; e "Boing" representa uma quebra na direção, redirecionando a sequência para outra pessoa do círculo, possibilitando maior imprevisibilidade no andamento da dinâmica. Cada um dos comandos exige dos/as participantes atenção plena e rápida tomada de decisão, pois a resposta inadequada ou um lapso de atenção interrompe o fluxo

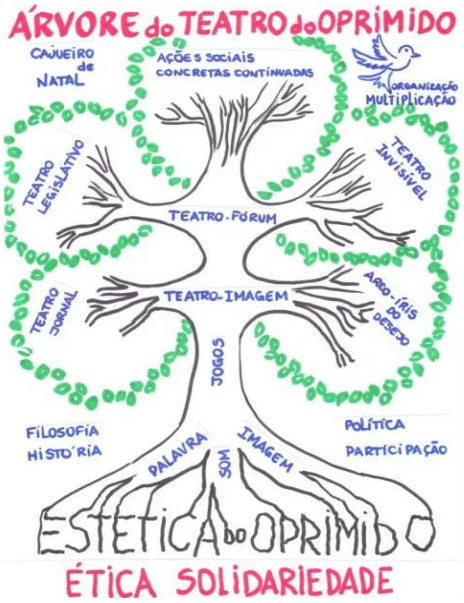
Do ponto de vista pedagógico, "Zip, Zap e Boing" auxilia no desenvolvimento de aspectos importantes como a sincronia em grupo e a habilidade de manter o foco em múltiplos estímulos simultâneos. A dinâmica incentiva o raciocínio rápido e a memória associativa, fatores essenciais para a improvisação teatral e a construção de narrativas colaborativas. Além disso, ao utilizar comandos simples, mas que

exigem resposta rápida e precisa, o jogo trabalha diretamente a capacidade dos/as participantes de permanecerem atentos/as ao coletivo, ajustando suas ações de acordo com o movimento do grupo, algo que depois seria fundamental para a dinâmica do Teatro Imagem.

Esse primeiro momento de integração e engajamento corporal foi realizado nas duas formações. A partir disso, cada uma teve sua particularidade, a partir dos referenciais visuais escolhidos para a reflexão. Elas voltam a se encontrar com uma mesma dinâmica final, a do Teatro Imagem de Augusto Boal.

Na formação continuada, a próxima etapa foi uma explanação teórica de curto tempo, para conversarmos sobre o Teatro Imagem e sobre Abelardo da Hora. Para isso, construímos uma apresentação de slides com informações relevantes sobre as duas temáticas. Para figurar as ideias do Teatro do Oprimido, recorremos por apresentar a árvore, que representa a estrutura pedagógica do método, apresentando sua base e ramificações. Dentro dela (exemplificada na figura 6), podemos observar que o Teatro-Imagem, assim como o Teatro-Fórum, é parte integrante do tronco, sendo suporte para o desenvolvimento de outras técnicas, além de ser sustentado pelos jogos teatrais, que são parte primordial para o pensamento do método pedagógico teatral. Observa-se que os jogos nascem da combinação de palavra, som e imagem que, por sua vez, devem ser alimentados por princípios de ética e solidariedade para cumprirem seu papel formativo.

Figura 6: esquematização da árvore do Teatro do Oprimido



Fonte: Site TIC Pedagogia

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Essa explanação mais aprofundada sobre a metodologia foi considerada por nós importante porque o objetivo da formação continuada era que os/as professores/s se inspirassem em nossas sugestões metodológicas com seus/suas estudantes. Utilizamos a técnica do Teatro-Imagem como um recurso teórico e prático, por sua abordagem visual e corporal, buscando dialogar com as imagens da coletânea *Meninos do Recife*. Dessa forma, incentivamos os/as professores/as a levantar questões para discussão e a aprender através da própria prática, possibilitando que também utilizassem esses métodos em sala de aula, adaptando-os às necessidades de cada grupo.

Para o grupo de formação inicial, após as dinâmicas, exibimos o curta-metragem *Alike* e discutimos sobre as impressões deles/as em relação ao vídeo. Nosso objetivo era que eles/as refletissem sobre o ser professor, então o foco das discussões foi menor em relação a aspectos metodológicos e maior nas experiências educacionais dos/as participantes. Ainda assim, explicamos brevemente o que é o Teatro-Imagem e seus preceitos.

Após esse momento, nas duas oficinas, a turma foi dividida em quatro grupos. Cada grupo recebeu imagens da coleção *Meninos do Recife* (para a formação continuada) ou do ensaio visual de Rosalvo Filho (para a formação inicial) e teve um tempo para refletir sobre um problema que relacionasse aquela imagem ao cotidiano de vida dos/as seus/suas estudantes/as. Eles/as deveriam pensar em casos de opressão que pudessem ser relacionados às imagens. Após a discussão, eles/as deveriam criar uma imagem cênica estática e encenar para os/as demais participantes. Durante a encenação, os demais grupos foram convidados a intervir nas posições e ações corporais dos/as personagens que estavam encenando, de forma a tentar transformar a realidade que estava sendo ali apresentada.

Os temas que surgiram foram: violência doméstica; pessoas em situação de rua; alienação; uso excessivo de celulares, aculturação, preconceito, bullying, saúde mental. A partir disso e utilizando o dinamismo do Teatro-Imagem, os/as envolvidos/as foram pensando em soluções e proposições para interferir na realidade representada, deslocando os corpos para ações de acolhimento, escuta e libertação. Essas ações depois foram analisadas em uma discussão com todos/as os/as participantes, em que eles/as relacionaram às suas vivências em sala de aula

Volume 2026
ISSN 2319-0868

e externaram como a realidade que foi retratada por Abelardo da Hora ainda permanece na cidade do Recife.

No entanto, a partir das proposições do Teatro-Imagem, que pressupõe uma ação e não só a observação, os/as professores/as puderam se enxergar como sujeitos de mudança, que têm capacidade de, nem que seja só um pouco, interferir naquela realidade ali vivenciada. Isso liga-se diretamente ao que propunha o MCP, que é um exemplo de mobilização social em que as pessoas se uniram para alcançar um objetivo que foi alcançado, o que traduz muito sobre o que é a formação de professores/as que, concordando com o autor,

> Não se trata de convocar apenas as questões práticas ou a preparação profissional, no sentido técnico ou aplicado, mas de compreender a complexidade da profissão em todas as suas dimensões (teóricas, experienciais, culturais, políticas, ideológicas, simbólicas, etc.) (NÓVOA, 2019, p. 6).

Considerações finais

O retorno que tivemos dos/as professores/as nas duas ações foi positivo. Tanto na avaliação que realizamos ao final da oficina como em formulários avaliativos que eles/as preencheram, os apontamentos foram positivos e elogiosos, ressaltando a importância da formação e demonstrando interesse em levar os conhecimentos para a sala de aula.

Também é importante ressaltar a disponibilidade e entrega dos/as participantes, que se dedicaram às nossas propostas e se deixaram tocar pelas reflexões, dinâmicas e pensamentos que foram surgindo, pois, concordando com Nóvoa, “não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores” (NÓVOA, 2019, p. 6).

O êxito na formação nos indica a possibilidade e as potencialidades da interdisciplinaridade no estudo e ensino das artes, pensada de forma que some ao processo educativo, sem que elas não percam sua essência e particularidade, mas se configurem em uma potência educacional, já que segundo Japiassu, o interdisciplinar

> Pode ser caracterizado como o nível em que a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a *interações propriamente ditas.* isto é, a uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida (JAPIASSU, 1976, p. 75)

Pensando nisso, torna-se indispensável discutirmos sobre a formação dos professores ministrantes da disciplina de Arte na escola, uma vez que o currículo permite formações diversificadas, que por vezes são mais específicas, como seria o caso de uma arte/educadora formada em Artes Visuais, mas cobra conhecimentos de várias linguagens das artes (teatro, dança, artes visuais, cinema).

Essa seria uma das razões para defendermos formações continuadas que tragam vivências construtivas à formação inicial dos/as professores/as, que tragam reflexões para e os instiguem a pesquisar, estudar e se capacitarem, pensando cada vez mais em oferecer uma educação de qualidade para os estudantes.

Referências:

A ÁRVORE do teatro do oprimido. TIC Pedagogia, 4 mar. 2013. Disponível em: <https://ticpedagogia.wordpress.com/2013/03/04/a-arvore-do-teatro-do-oprimido/>. Acesso em: 30 out. 2024.

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e Jogos Para o Ator e o Não-Ator Com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro.** 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1970.

GALINDO, C. J.; INFORSATO, E. do C. Formação continuada de professores: impasses, contextos e perspectivas. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, p. 463–477, 2016. DOI: 10.22633/rpge.v20.n3.9755. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9755. Acesso em: 10 ago. 2024.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LESSA, Dani. *"Alike" – Para que educamos as crianças?* Dani Lessa – blog. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <http://danilessa.com.br/alike/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019.

Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/. Acesso em: 27 mar. 2026.

OLIVEIRA FILHO, Rosalvo Felisberto de. **A arte de Abelardo da Hora:** o grotesco e o engajamento político e social. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

SANTOS, Estela Pereira dos. Revolução na América do Sul, de Augusto Boal: o retrato da violência vivenciada pelo operário José da Silva. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-187, jul./dez. 2017.Disponível em: <https://doi.org/10.5935/cadernosletras.v17n2p173-187> Acesso em: 21 jul. 2025.

Recebido em: 21/07/2025.
Aceito em: 27/03/2026.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Niara Mackert Pascoal
Niara Mackert Pascoal é arte/educadora, mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na linha de pesquisa Processos Educacionais em Artes Visuais. Licenciada em Artes Visuais pela mesma instituição, especializou-se no uso educacional da internet, com foco em proposições pedagógicas para Arte/Educação. Com experiência diversificada em ensino não-formal, educação infantil, produção cultural e mediação cultural, sua atuação combina criatividade, acessibilidade e inovação tecnológica. Sua trajetória acadêmica e profissional inclui projetos voltados à sustentabilidade, tecnologia e acessibilidade nas artes. Como artista, utiliza fotografia, videoarte e videoperformance para expressar temáticas contemporâneas e participou de diversas exposições coletivas. Atualmente, integra a equipe da Fundação Joaquim Nabuco como arte/educadora na Unidade de Artes Visuais. Seus interesses de pesquisa incluem processos criativos em Artes Visuais, Arte/Educação infantil, arte e tecnologia, e estratégias para tornar as artes acessíveis a públicos diversos.
E-mail: niaramackert@outlook.com

Julia de Moura Regis
Atualmente é arte-educadora da Unidade de Artes Visuais da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) desde 2023, atuando no setor educativo com projetos de cultura visual e educação; política da arte; videoarte; e residências artísticas. Desenvolve atividades educativas diversas, incluindo ministração de oficinas, formações continuadas para professores e mediação em exposições. É bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) desde 2025. Realizou estágio obrigatório no Colégio de Aplicação da UFPE (2023-2024). Anteriormente, foi estagiária na Fundação Joaquim

Nabuco (2021-2023) e no Teatro de Santa Isabel (2019-2021). Possui formação em teatro, tendo concluído o Curso de Interpretação para Teatro (CIT) no SESC Santo Amaro (2019-2021), e está em fase de conclusão da Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
E-mail: juliamregis@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

PASCOAL, Niara Mackert; REGIS, Julia de Moura. ENTRE ARTES VISUAIS E TEATRO: FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR DE PROFESSORES/AS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br